Revista Macambira
Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial (LaPPRuDes)
ARTIGO-MEMORIAL / MEMORIAL ARTICLE
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.724

ESPINHOS, FRUTOS E FLORES: narrativas das experiências de uma mulher do campo/roça no sertão baiano

FABIANE PINTO DA SILVA[1], VIRGÍNIA ARAÚJO LIMA SANTANA[2]

RESUMO: Esse artigo pretende relatar narrativas e memórias construídas a partir das vivências do campo/roça, além de analisar como essas experiências contribuíram para a formação integral do constituir-se mulher. Desse modo, trata-se de um texto autobiográfico, um convite ao passado com o intuito de analisar suas reverberações no presente. O relato memorialístico traz o cotidiano na roça como: período de plantio e colheita; trabalho no campo; brinquedos e brincadeiras; rezas; ancestralidade e acima de tudo, coletividade. O texto traz a roça como espaço de vida, de lutas e de dignidade, apesar da ausência de direitos como saúde, moradia e terra. A escrita conclui que nossas vivências na família, campo/roça contribuíram para a formação pessoal e profissional das autoras.

Palavras-chave: Memória, Ancestralidade, Mulheres da roça

1 - Historiadora. Mestranda em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIV). Integra o Grupo de Pesquisas em Educação do Campo, Trabalho, Contra- hegemonia e Emancipação Humana (GEPEC). E-mail: faby_gustavo@hotmail.com;
2 - Pedagoga. Mestranda em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus XIV). Especialização em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação pela UNEB. Integra o Grupo de Pesquisas em Educação do Campo, Trabalho, Contra- hegemonia e Emancipação Humana (GEPEC). E-mail: virginiavalente.ba@gmail.

Thorns, fruits and flowers: narratives of the experiences of a field/roça woman in the baiano sertão

ABSTRACT
This article intends to report narratives and memories built from the experiences of the field/roça, in addition to analyzing how these experiences contributed to the integral formation of becoming a woman. Thus, it is an autobiographical text, an invitation to the past in order to analyze its reverberations in the present. The memorialistic account brings the daily life in the field as: planting and harvesting period; work in the field; toys and games; prayers; ancestry and above all, collectivity. The text brings the countryside as a space for life, struggles and dignity, despite the absence of rights such as health, housing and land. The writing concludes that our experiences in the family, field/countryside contributed to the personal and professional formation of the authors

Keywords
Memory, Ancestry, women from the countryside.

Introdução

(Por Virgínia Araújo Lima Santana)

Fabiane apresenta suas memórias tecendo as vivências que vão se tornando experiências ao longo do constituir-se mulher do campo/roça, no semiárido baiano, sendo a caçula de três filhas de Dona Deuza e Seu Raimundo. O núcleo familiar formado por mulheres foi fundamental para seu processo de formação humana. Desde criança a narradora envereda-se com seus pais e irmãs no trabalho coletivo, socializando alegrias e tristezas, brincadeiras, festas e rezas. A narradora descreve de forma profunda o viver na casa de taipa, semelhante a do pássaro João de Barro, que desde a construção se deu a partir do trabalho coletivo das mãos de seus pais, ela nos conduz a adentrarmos na simplicidade da moradia nos convocando a sentirmos também um calor afetivo que acolhe corpo e memória.

Mesmo não residindo atualmente no campo, Fabiane continua tomando a roça como espaço de vida a partir de suas escolhas acadêmicas e docente. Sua escrita apresenta uma mulher e docente que se forma na resistência, no pertencimento e nas elaborações de alternativas para uma educação contextualizada, ou seja, reconhece que as experiências dos povos do campo deve ganhar centralidade na Escola do Campo.

Nossas vidas se entrelaçaram a partir do ingresso no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV, ambas tendo como objeto de estudo a Educação do Campo no Território do Sisal, semiárido da Bahia, solo que crescemos e nos forjamos como mulheres fortalecidas a partir da relação com a natureza, com a vida e comprometidas com uma Educação do Campo que dialoga com os saberes, fazeres e sabores dos povos do campo.

Sua narrativa faz relação com a infância na roça, com as reverberações no presente, dando centralidade às vivências alicerçadas na família e na prática cotidiana onde integrava-se gente, costumes, valores e ancestralidades que contribuem para dizer de si como protagonista de sua própria história.

Deixa eu me apresentar: Fabiane Pinto, mulher sertaneja forjada pelas experiências do campo/roça

"Ser mulher sertaneja é saber que mesmo com os dessabores da vida, sou forte, resistente, sou múltipla, sou quem eu quiser ser. Mas, acima de tudo, sou árvore de raízes profundas que pertence e floresce no Sertão". Esse fragmento faz parte de uma auto/descrição feita em 03 de maio de 2021 em comemoração ao dia do(a) sertanejo(a). Escolhi esse texto pequeno e singelo para iniciar falando do processo de escrita sobre si. Primeiro, escrever sobre mim não é simples, ao contrário, é a escrita mais difícil que existe, requer um movimento para dentro da gente, encontrar aquela dor escondida, enterrada cuidadosamente para que

não brote na frente do outro. Mas também nos permite perceber que não somos sós, somos nós! É reconhecer toda sua potencialidade como fruto de um coletivo, de sua ancestralidade.

Dessa forma, a minha auto descrição de mulher sertaneja só foi possível pelas minhas vivências no chão da roça de vô, solo que não apenas me nutriu com alimentos cultivados pela família, mas também me constituiu como pessoa. Recentemente me percebi nesse processo, voltar pra dentro de mim, me ver desde miúda e escrever sobre quem sou. Costumo sempre me definir como árvore de raízes profundas. Sim, é assim que me vejo, como uma árvore que apesar dos ventos, das tempestades, consegui sobreviver porque tenho raízes fincadas numa família de mulheres que decidiram resistir.

Desde já peço desculpas pelo que eu ainda não escrevi, isso porque acredito que posso me empolgar e trazer relatos minuciosos e que foram significativos para mim, mas que talvez não consiga externar tamanho significado com apenas palavras. Também sei que o ato escrever para nós mulheres ainda é uma ruptura, um ato revolucionário visto que por séculos esse lugar de poder nos foi negado. Dessa forma, assumo meu lugar de mulher que escreve como um ato político, respondendo ao convite de Gloria Anzaldúa quando afirma "Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida." (ANZALDÚA, 2000, p. 234) ou ainda "Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos" (ANZALDÚA, 2000, p. 230).

Minhas memórias de infância estão lá, na roça de vô. Minha história de vida é atravessada pela pobreza material, pela ausência do básico para uma vida com dignidade, mas também trago dentro de mim experiências únicas que só foram possíveis porque vivi na roça, em coletividade. Então, a partir de agora convido-lhes a viajar até a Fazenda Gameleira, que fica localizada em Conceição do Coité, no Território de Identidade do Sisal, na Bahia. Não sei desde quando esse pedaço de chão pertence a minha família, mas acredito que a quase um século. As roças vizinhas faziam parte da mesma família porque a Fazenda Gameleira fora dividida entre três mulheres: minha vó e suas duas irmãs, no entanto, pela estrutura patriarcal que se perpetua até hoje a administração do roçado que fora recebido como herança ficava a cargo do marido, da figura masculina. Assim, mesmo sendo uma herança da minha vó, sempre nos referimos como a roça de vô.

É nessa roça que eu e minhas irmãs nascemos e passamos nossos primeiros anos de vida. Para muitos a moradia de taipa é só uma ilustração de livro didático, para minha família era abrigo e proteção: a sala e quarto eram de taipa e a cozinha era improvisada com palha de licuri. Sem móveis, além da cama e o guarda-roupa, essa casa fora feita por meus pais nas terras dos meus avós, logo, morávamos de favor porque eles não tinham a posse da terra, plantávamos em terra de terceiros.

Painho e mainha trabalhavam no motor de sisal e na lavoura, nós participávamos do trabalho, seja apenas acompanhando ou colaborando no cuidado com a plantação. Pontuo aqui que não fomos vítimas

do trabalho infantil, na roça era um trabalho coletivo e familiar. Tínhamos cada uma sua própria enxada, mas era uma espécie de brinquedo, que usávamos para acompanhar nossos pais na plantação, mas raramente usávamos. Que alegria era a época do plantio do milho e do feijão, ficávamos na expectativa porque para mim e minhas irmãs era momento de competição de quem preenchia mais covas, quem terminava os grãos primeiro. No momento da colheita e da bata do feijão estávamos todas com um "cacetinho" - um pedaço de madeira utilizado para bater o feijão e separar da vagem - participando do evento.

Não tínhamos brinquedos comprados, nenhuma boneca, mas painho construía brinquedos com madeira e nossas bonecas eram ossos de boi enrolados em um tecido. Nosso dia era ocupado com brincadeiras coletivas: roda, fazendinha de búzios, cavalo de pau, sete pedrinha, macaco, banho de tanque, caça, pesca de piaba no riacho que passava em nossa roça em período de chuva, fazíamos uma engenhoca com litro de óleo e madeira e colocávamos farinha como isca, quando as piabas entravam para se alimentar, a gente corria e tampava com a mão. Dessa forma, apesar da ausência de brinquedos comprados, aproveitamos os prazeres da infância, estimulamos nossa criatividade e exploramos o que o ambiente tinha a nos oferecer.

O dia mais importante da semana era a sexta-feira porque meu avô ia para a sede do município montado em seu jumento fazer a feira da semana. Os olhos não saiam da estrada na esperança que ele traria um doce de açúcar com formato de boneca para cada neta. E o natal? Diferente dessa visão mercadológica de presente, nosso natal também era uma experiência de trabalho e criatividade coletiva já que íamos para a caatinga retirar o que era necessário para a confecção da lapinha. A nossa expectativa para a noite de natal era para ver o Menino Jesus aparecer na manjedoura, que eu acreditava que surgia milagrosamente, só depois foi que compreendi que era minha tia quem colocava.

Além de ter o privilégio de conviver na mesma roça com toda família materna, ainda tinha os vizinhos que de certa maneira também colaborava para nossa educação, era muito natural ouvir a orientação de uma vizinha de roça, era uma espécie de criação coletiva, ou seja, além de mainha, tínhamos como referência feminina e de cuidado as tias, avó e vizinhas. Hoje vejo com clareza a ideia de solidariedade feminina que existia: além de dividir dores, trabalho, alegrias e rezas, criar as crianças era atribuição de todas. Encontro-me com Conceição Evaristo quando esta afirma:

> Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. (EVARISTO, 2016, p. 18)

Venho de família de mulheres rezadeiras! Quanto orgulho sinto em escrever essa frase, pertencer a um núcleo familiar que desempenharam e desempenham a arte de curar pela fé e pelas folhas. Mainha

aprendeu a rezar de "campanhia caída" (incômodo na garganta), ferida na boca, "sol e sereno" (dor de cabeça) e outras rezas com minha avó que passou para as filhas a partir da oralidade.

O papel que essas mulheres benzedeiras desempenharam na nossa infância foi fundamental visto que a assistência à saúde não existia nas comunidades rurais, na maioria das vezes ficava a cargo delas a orientação de um chá, lambedô de ervas e mel (espécie de xarope), banhos e rezas para curar os incômodos e dores do corpo. Às vezes, estou em atividades do cotidiano e vem a minha mente a voz de mainha rezando *O sol e a lua navega no mar, campainha caída vá para o seu lugar, Senhor, São Brás, manda levantar, com o poder de Deus e da Virgem Maria* e o meu coração se enche de afeto, essa reza, a única que lembro de cor até hoje, leva-me a infância e todo cuidado materno que sempre tive. Quando a dor de cabeça persiste, ela puxa minha orelha pela falta de resguardo (orientação de cuidado como tomar banho quente e não se expor ao vento...) mas lá vem ela com o pano branco e o vidro de água para colocar em minha cabeça e rezar de "sol e sereno" antes do sol se por.

Vejo o ato de rezar, de bem dizer, como um ato de afeto e doação, por isso, até hoje, sinto-me privilegiada por chegar à casa de mainha e minha tia falar: senta aqui para eu te passar um ramo, referindo-se a reza de olhado. Aceito e recebo toda energia dedicada para tirar o "olho gordo" que alguém, às vezes sem querer, segundo elas, lançou sobre mim.

Como a maioria das famílias da época, a ideia de uma vida melhor estava relacionada a morar na cidade e foi assim que meu pai decidiu que íamos morar na rua, como nos referíamos na época à vida na cidade. Mais uma vez o capital para a mudança para a cidade veio de uma mulher. Com o falecimento de minha vó, a mulher mais amorosa, afetuosa e solidária que já conheci, mainha recebeu uma herança e tivemos a oportunidade de ter a nossa primeira casa. No entanto, a mudança não foi apenas geográfica, mas de vida visto que logo que chegamos meu pai decidiu sair de casa e constituir uma nova família.

Minha mãe se deparou com uma nova realidade: sem marido, com três filhas e sem trabalho na cidade. Coube a ela, desempenhar o papel de "cabeça da família", responsável pelo provimento de comida, mas também da educação e cuidado. Dessa forma, me aproximo de Evaristo que, assim como eu e várias mulheres,

> Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como "cabeça" da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. (EVARISTO, 2020, p. 52)

Mainha desempenhou, a pesadas dores, esse papel de mulher "cabeça" da família e que criou três filhas com o pouco dinheiro que recebia como empregada doméstica. Participar desse período de separação foi doloroso para todas, mas especialmente para ela,

> Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. (EVARISTO, 2016, p. 18)

A tristeza de mainha ainda era intensificada com o fato de termos que trabalhar muito novas também em casa de família, minha irmã mais velha passou a contribuir com as despesas da casa desde os onze anos de idade, eu comecei mais tarde, aos treze anos.

O retorno à minha infância é fundamental para compreender a mulher que me tornei. As vivências na roça influenciaram o jeito de viver, sentir e agir, sou o resultado dessas experiências que não são apenas minhas, mas de uma família inteira. Não habito mais fisicamente no campo, mas minhas raízes estão lá e precisam ser regadas constantemente. Para isso, além das memórias guardadas e repetidas em reuniões de família, tento trazer um pouquinho da roça para casa, seja cultivando plantas, seja no pote que por muito tempo serviu como reservatório de água e hoje enfeita meu jardim ou o pilão que era utilizado para pilar o milho para o cuscuz ou o para o fufu que tanto comia na infância, hoje é objeto de decoração.

Conceição Evaristo (2020) diz que a leitura e a escrita em sua vida permitiam dois movimentos: fuga e inserção no espaço em que vivia; além de colocar a escrita como insubordinação. Mais uma vez, aproximo-me dela quando, apesar da trajetória atravessada pela pobreza, encontro no estudo uma fuga, que, às vezes sem perceber, revoluciona o nosso mundo. E foi utilizando o estudo que decidi realizar meu sonho de infância, tornar-me professora.

Agora estava me desafiando a ocupar um espaço que até então era inimaginável: uma universidade. Fui a primeira neta do meu avô a cursar um curso superior, a romper com uma estrutura que tinha como previsão de futuro apenas o trabalho como empregada doméstica.

Tendo toda uma vida marcada pelas vivências do campo, escolhi uma comunidade rural para desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação em História, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, com o tema *Entre a fé e a folia: Festas de Reis realizadas em Conceição do Coité (1990-2009).*

Ao ingressar no serviço público como professora da rede municipal de Conceição do Coité fui lotada em uma comunidade rural e ter essas experiências na infância facilitou minha formação e identificação como educadora do Campo. Além disso, pude entender que a Escola do Campo precisa respeitar os sonhos, saberes e fazeres dos povos do campo é fazer com que a escola valorize também minha história e dos meus antepassados, assim fica fácil compreender que, "Não basta ter escolas no campo; quer-se ajudar a construir Escolas do Campo, ou seja, escolas com um projeto político pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo (KOLLING; NERY; MOLINA, 1999, p. 18).

A partir das formações específicas para educadoras do campo, além de auxiliar na compreensão da minha própria história, percebi que lutar pela Escola do Campo é lutar pelo direito à terra, à vida com dignidade, tudo que nos faltava enquanto moradora do campo. Daí, acredito, assim como Caldart que:

> Construir uma escola do campo significa *estudar para viver no campo*. Ou seja, inverter a lógica de que se estuda para sair do campo, e se estuda de um jeito que permite um depoimento como esse: *foi na escola onde pela primeira vez senti vergonha de ser da roça*. A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho dessa origem e desse destino; não porque enganados sobre os problemas que existem no campo, mas porque dispostos e preparados para enfrenta-los, coletivamente. (CALDART, 2002, p. 24)

Ferreira (2015) também pauta a ideia de Escola do Campo emancipadora e que está configurada para promover mudanças sociais, quando elucida:

> A Escola do Campo tem o papel elementar de contribuir com a materialidade de processos formativos em que os conhecimentos objetivem a formação e emancipação dos sujeitos do campo, e estes possam, a partir de tais processos, fazer leituras críticas da realidade social em que se encontram, fazer escolhas, tomar decisões de âmbito coletivo, bem como fortalecer as lutas e disputas políticas para a melhoria da vida e para a superação de injustiças e desigualdades sociais. (FERREIRA, 2015, p. 99)

A partir das vivências em sala de aula, percebi que uma Escola do Campo comprometida com a realidade dos (as) estudantes é um "lindo paraquedas coloridos" como afirma Krenak (2019). É uma alternativa de ruptura com o sistema capitalista que tem como projeto hegemônico o esvaziamento do campo, tornando-o sem vida, sem gente, ser cor e sem sabor. A Escola do Campo precisa rasgar como um padrão de escola que apenas repassa conteúdos que muitas vezes contribuem para nos "descolarmos da terra",

> Já caímos em diferentes escalas e em diferentes lugares do mundo. Mas temos muito medo do que vai acontecer quando a gente cair [...]. Então, talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo de que realmente gostamos é gozar, viver no prazer aqui na Terra. (KRENAK, 2019, p. 31)

Também escolho o campo quando atuei por oito anos como coordenadora pedagógica das Escolas do Campo em Conceição do Coité, através da Secretaria Municipal de Educação, e retorno à sala de aula de uma Escola do Campo. Na vida acadêmica continuo trilhando os caminhos do campo como objeto de pesquisa, já no Mestrado em Educação e Diversidade (MPED), pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com a pesquisa ainda em curso, que tem como título *Abrindo a roda da Educação do Campo: um olhar para a organização do trabalho pedagógico e a miudezas das salas de aula das classes multisseriadas em Conceição do Coité-BA*.

Dessa forma, além de me acompanhar como profissional, minhas experiências de infância moldaram a mulher que sou. Eu sou o resultado do sorriso simples, porém verdadeiro, de poder se arriscar tomando

banho de chuva, de acreditar que devemos lutar por qualidade de vida, por direito e justiça social, mas que enquanto espero, aproveito a reunião com os amigos, com a família e colegas. Aprendi desde pequena que a vida é mais leve na coletividade, que as sementes que enterramos darão frutos não só pra quem planta, mas que é preciso socializar a colheita, porque o trabalho também foi coletivo. Acima de tudo, cresci e tornei-me uma mulher que acredita na importância de sua ancestralidade para continuar seguindo, resistindo, florindo e narrando a vida.

Considerações Finais

(Por Virgínia Araújo Lima Santana)

É assim que fechamos as narrativas das experiências de uma mulher do campo/roça no sertão baiano. Fabiane Pinto, que além de transitar entre espinhos, frutos e flores, considera-se uma mulher fincada em raízes profundas, que aprendeu desde muito cedo a dor e a delícia de ser o que é e carregou suas vivências como cenário estimulador da construção de uma nova história, um grande aprendizado. História marcada pelas dificuldades que a vida lhe presenteou e a tornou uma mulher que teve a resiliência e resistência como principais características do seu caminhar.

O falar de si nessas narrativas, na verdade, se consubstancia numa autobiografia capaz de definir uma história de vida, construída a partir de experiências, valores e princípios que se forjou numa realidade que muitos de nós experimentamos e vivemos. Vivência que se traduz num estado de despojamento, em que entre espinhos, frutos e flores dançam nas proezas de cada momento, formando um círculo de aprendizagens e diversidades, numa luta incansável para a busca de sentidos vastos que fortalecem o nosso viver e constroem alternativas de garimpar a sabedoria e formar valores que vão sustentando o nosso ser. É neste caminho que seguimos o ritmo das travessias, com uma eternidade gratidão às oportunidades que vida nos proporcionou, de aprender a ser, aprender a fazer e aprender a viver numa lógica em que a liberdade supõe autonomia, a coletividade ganha força e o sonho de um mundo melhor passa ser de todos nós.

E foi nas encruzilhadas do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, na UNEB, entre espinhos, frutos e flores que pude conhecer essas narrativas deste ser, Fabiane, que a vida me presenteou. Seguimos firmes nas trilhas das andanças por uma Educação do Campo fortalecida e capaz de adiar o fim do mundo.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, [*S. l.*], v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106. Acesso em: 30 jun. 2021.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. *In*: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo**: identidade e políticas públicas. Caderno 4. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2002. p. 18-25. Disponível em: https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/educacao-do-campo-identidade-e-politicas-publicas.pdf/view. Acesso em: 30 jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência**: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FERREIRA, Maria Jucilene Lima. **Docência na escola do campo e formação de educadores: qual o lugar do trabalho coletivo?** 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/20063/1/2015_MariaJucileneLimaFerreira.pdf. Acesso em: 30 jun. 2021.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Irmão; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs). **Por uma educação básica do campo**. Caderno 1. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhias das Letras, 2019.

OLIVEIRA, Fabiane Pinto da Silva. **Entre a fé e a folia: Festas de Reis realizadas em Conceição do Coité (1990-2009)**. 2019. Graduação (Licenciatura em História) – UNEB, Conceição do Coité, 2019.

Informações do Artigo
Recebido em: 23/09/2022
Revisado em: 10/10/2022
Aceito em: 25/10/2022
Publicado em: 20/11/2022

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não haver quaisquer conflitos de interesse referente a este artigo.

Contribuição dos autores:
Autoras 1 e 2 – Idealização da proposta, escrita e revisão final.

Como citar este artigo
Silva, F. P. da; Santana, V. A. L., (2022). Espinhos, frutos e flores: narrativas das experiências de uma mulher do campo/roça no sertão baiano. **Revista Macambira**, 6(1), e061014.
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.724

Licença:
Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International .

Article Information
Received on: 23/09/2022
Revised on: 10/09/2022
Accepted on: 25/10/2022
Published: 20/11/2022

Conflict of Interest: No reported.

Authors' contribution:
Authors 1 and 2– Ideation of the proposal, writing and final revision.

How to cite this article
Silva, F. P. da; Santana, V. A. L., (2022). Thorns, fruits and flowers: narratives of the experiences of a field/roça woman in the baiano sertão. Revista Macambira, 6(1), e061014.
https://doi.org/10.35642/rm.v6i1.724

License:
This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.